





## REGENERAÇÃO

romance social

POR

CURUÇO DE MENDONÇA

SEGUNDA PARTE

nização e triunfo

VII

A gente partilhava a desolação da pobre mulher quase viúva que, la por uma tremenda desgraça, trazido o seu infeliz esposo enfermo à cancela da usina, obstinando-se não ultrapassar a muralha de seus conceitos, que se atravessavam em elas e o recinto feliz da cidade libertaria.

Ricardo, entretanto, tinha experimentado uma imensa alegria, vendo suas esperanças confirmadas por Antônio e José. Este último postara-se junto ao leito, determinando todas as condições de ar, de luz e de alimentação em que

se devia conservar o doente. Era sua opinião que a simples mudança reagiria eficazmente sobre o organismo debilitado, mas provavelmente capaz ainda de muita vida. E a primeira noite passou-se assim em expectativa, vigiando e espreitando os menores movimentos do enfermo. A prostração continuava; mas pouco a pouco a respiração se tornava mais regular e fácil. Pela madrugada Fabrício acordou, pediu água numa voz pesada, bebeu-a sem mesmo reparar quem lha tinha dado, e dormiu então calmamente, profundamente. Era o verdadeiro sono, o sono natural e reparador; depois desse instante José não teve mais hesitação alguma: após aquele sono, Fabrício voltaria a si, recuperando todos os sentidos.

E, pela manhã, a notícia correu desa lisongeira expectativa. A população toda da usina sentia-se ansiosamente suspensa no fio dessa vida em perigo. Era como uma decisiva campanha em que estivesse empenhada. E não seria terível a morte desse homem, ali, na usina condenada pelo mundo em redor? Ninguém o tinha amparado; todos o haviam esquecido na sua enfermidade, nas suas amargas necessidades; porém morresse ele ali... e a usina seria a culpada, Antônio seria o assassino. Felizmente as forças do bem pareciam interessadas nesse belo combate de humana resurreição: o doente prometia viver e ter saúde.

Por ventura teria ele ainda energias bastantes para lutar contra a usina libertária, da qual era inimigo...

VIII

Todo um meticoloso e imenso cuidado havia sido posto em suavizar os primeiros momentos do despertar de Fabrício. Estudando os meios de enfrentar essa crise perigosa para o doente, combinara-se que Ricardo devia de ser a pessoa com quem se deparasse ele quando se desse conta do novo lugar em que estava, depois de uma viagem da qual não tivera consciência. Sua derradeira entrevista com o antigo tutelado havia sido relativamente cordial. Abalado pela crise primeira da moléstia, Fabrício denotava ter refletido sobre o vazio de vida que tinha levado. Vimos a maneira pela qual havia cedido a Ricardo, contrastando com a terrível obstinação outrora empregada para retardar a administração dos bens que sabia deviam ser utilizados, como foram, na formação e desenvolvimento da usina livre. Na verdade, tendo melhorado e voltado à vida activa, continuaria empregando mais ou menos os mesmos processos e normas de existência; mas, depois daquele encontro, nenhum incidente havia toldado as relações de ambos. José, não o confessa; e de Antônio, provavelmente, guardaria o ódio antigo como verdadeiro culpado e causador da para ele má aplicação que tivera a fortuna do tutelado.

Ricardo, pois, ficou de espreita, nas imediações do leito, esperando a ocasião de apresentar-se e falar-lhe carinhosamente. Era o mais difícil da an-

ta tarefa; também aguardava-se esse instante como decisivo, antes das esperanças que todos alimentavam.

Quando Ricardo julgou ouvir um movimento mais pronunciado, abeirou-se do leito e, vendo que o enfermo tinha acordado, interrogou-o mansamente:

— Como se acha, dr. Fabrício?

— Oh!... melhor... um pouco melhor... mas parece-me que estive bastante doente!

— Sim, estive muito doente... e tanto que foi preciso mudar-vos de casa.

— Mas porque sois vós que estais aqui ao pé de mim? Onde está Francisca?

— Será possível que minha mulher me haja abandonado?

— Não, senhor, D. Francisca descança, dorme agora pelas noites passadas em vigília. Entretanto há aqui mesmo esta boa casa quem vos de todos os cuidados; mas, por ora, não vos importa mais ou menos os mesmos

processos e normas de existência; mas,

depois daquele encontro, nenhum inci-

dente havia toldado as relações de am-

bos. José, não o confessa; e de Antô-

nio, provavelmente, guardaria o ódio

antigo como verdadeiro culpado e cau-

sador da para ele má aplicação que ti-

viver e ter saúde.

Ricardo, pois, ficou de espreita, nas imediações do leito, esperando a ocasião de apresentar-se e falar-lhe carinhosamente. Era o mais difícil da an-

ta tarefa; também aguardava-se esse instante como decisivo, antes das esperanças que todos alimentavam.

Quando Ricardo julgou ouvir um movimento mais pronunciado, abeirou-se do leito e, vendo que o enfermo tinha acordado, interrogou-o mansamente:

— Como se acha, dr. Fabrício?

— Oh!... melhor... um pouco melhor... mas parece-me que estive bastante doente!

— Sim, estive muito doente... e tanto que foi preciso mudar-vos de casa.

— Mas porque sois vós que estais aqui ao pé de mim? Onde está Francisca?

— Será possível que minha mulher me haja abandonado?

— Não, senhor, D. Francisca descança, dorme agora pelas noites passadas em vigília. Entretanto há aqui mesmo esta boa casa quem vos de todos os cuidados; mas, por ora, não vos importa mais ou menos os mesmos

processos e normas de existência; mas,

depois daquele encontro, nenhum inci-

dente havia toldado as relações de am-

bos. José, não o confessa; e de Antô-

nio, provavelmente, guardaria o ódio

antigo como verdadeiro culpado e cau-

sador da para ele má aplicação que ti-

viver e ter saúde.

Ricardo, pois, ficou de espreita, nas imediações do leito, esperando a ocasião de apresentar-se e falar-lhe carinhosamente. Era o mais difícil da an-

ta tarefa; também aguardava-se esse instante como decisivo, antes das esperanças que todos alimentavam.

Quando Ricardo julgou ouvir um movimento mais pronunciado, abeirou-se do leito e, vendo que o enfermo tinha acordado, interrogou-o mansamente:

— Como se acha, dr. Fabrício?

— Oh!... melhor... um pouco melhor... mas parece-me que estive bastante doente!

— Sim, estive muito doente... e tanto que foi preciso mudar-vos de casa.

— Mas porque sois vós que estais aqui ao pé de mim? Onde está Francisca?

— Será possível que minha mulher me haja abandonado?

— Não, senhor, D. Francisca descança, dorme agora pelas noites passadas em vigília. Entretanto há aqui mesmo esta boa casa quem vos de todos os cuidados; mas, por ora, não vos importa mais ou menos os mesmos

processos e normas de existência; mas,

depois daquele encontro, nenhum inci-

dente havia toldado as relações de am-

bos. José, não o confessa; e de Antô-

nio, provavelmente, guardaria o ódio

antigo como verdadeiro culpado e cau-

sador da para ele má aplicação que ti-

viver e ter saúde.

Ricardo, pois, ficou de espreita, nas imediações do leito, esperando a ocasião de apresentar-se e falar-lhe carinhosamente. Era o mais difícil da an-

ta tarefa; também aguardava-se esse instante como decisivo, antes das esperanças que todos alimentavam.

Quando Ricardo julgou ouvir um movimento mais pronunciado, abeirou-se do leito e, vendo que o enfermo tinha acordado, interrogou-o mansamente:

— Como se acha, dr. Fabrício?

— Oh!... melhor... um pouco melhor... mas parece-me que estive bastante doente!

— Sim, estive muito doente... e tanto que foi preciso mudar-vos de casa.

— Mas porque sois vós que estais aqui ao pé de mim? Onde está Francisca?

— Será possível que minha mulher me haja abandonado?

— Não, senhor, D. Francisca descança, dorme agora pelas noites passadas em vigília. Entretanto há aqui mesmo esta boa casa quem vos de todos os cuidados; mas, por ora, não vos importa mais ou menos os mesmos

processos e normas de existência; mas,

depois daquele encontro, nenhum inci-

dente havia toldado as relações de am-

bos. José, não o confessa; e de Antô-

nio, provavelmente, guardaria o ódio

antigo como verdadeiro culpado e cau-

sador da para ele má aplicação que ti-

viver e ter saúde.

Ricardo, pois, ficou de espreita, nas imediações do leito, esperando a ocasião de apresentar-se e falar-lhe carinhosamente. Era o mais difícil da an-

ta tarefa; também aguardava-se esse instante como decisivo, antes das esperanças que todos alimentavam.

Quando Ricardo julgou ouvir um movimento mais pronunciado, abeirou-se do leito e, vendo que o enfermo tinha acordado, interrogou-o mansamente:

— Como se acha, dr. Fabrício?

— Oh!... melhor... um pouco melhor... mas parece-me que estive bastante doente!

— Sim, estive muito doente... e tanto que foi preciso mudar-vos de casa.

— Mas porque sois vós que estais aqui ao pé de mim? Onde está Francisca?

— Será possível que minha mulher me haja abandonado?

— Não, senhor, D. Francisca descança, dorme agora pelas noites passadas em vigília. Entretanto há aqui mesmo esta boa casa quem vos de todos os cuidados; mas, por ora, não vos importa mais ou menos os mesmos

processos e normas de existência; mas,

depois daquele encontro, nenhum inci-

dente havia toldado as relações de am-

bos. José, não o confessa; e de Antô-

nio, provavelmente, guardaria o ódio

antigo como verdadeiro culpado e cau-

sador da para ele má aplicação que ti-

viver e ter saúde.

Ricardo, pois, ficou de espreita, nas imediações do leito, esperando a ocasião de apresentar-se e falar-lhe carinhosamente. Era o mais difícil da an-

ta tarefa; também aguardava-se esse instante como decisivo, antes das esperanças que todos alimentavam.

Quando Ricardo julgou ouvir um movimento mais pronunciado, abeirou-se do leito e, vendo que o enfermo tinha acordado, interrogou-o mansamente:

— Como se acha, dr. Fabrício?

— Oh!... melhor... um pouco melhor... mas parece-me que estive bastante doente!

— Sim, estive muito doente... e tanto que foi preciso mudar-vos de casa.

— Mas porque sois vós que estais aqui ao pé de mim? Onde está Francisca?

— Será possível que minha mulher me haja abandonado?

— Não, senhor, D. Francisca descança, dorme agora pelas noites passadas em vigília. Entretanto há aqui mesmo esta boa casa quem vos de todos os cuidados; mas, por ora, não vos importa mais ou menos os mesmos

processos e normas de existência; mas,

depois daquele encontro, nenhum inci-

dente havia toldado as relações de am-

bos. José, não o confessa; e de Antô-

nio, provavelmente, guardaria o ódio

antigo como verdadeiro culpado e cau-

sador da para ele má aplicação que ti-

viver e ter saúde.

Ricardo, pois, ficou de espreita, nas imediações do leito, esperando a ocasião de apresentar-se e falar-lhe carinhosamente. Era o mais difícil da an-

ta tarefa; também aguardava-se esse instante como decisivo, antes das esperanças que todos alimentavam.

Quando Ricardo julgou ouvir um movimento mais pronunciado, abeirou-se do leito e, vendo que o enfermo tinha acordado, interrogou-o mansamente:

— Como se acha, dr. Fabrício?

— Oh!... melhor... um pouco melhor... mas parece-me que estive bastante doente!

— Sim, estive muito doente... e tanto que foi preciso mudar-vos de casa.

— Mas porque sois vós que estais aqui ao pé de mim? Onde está Francisca?

— Será possível que minha mulher me haja abandonado?

— Não, senhor, D. Francisca descança, dorme agora pelas noites passadas em vigília. Entretanto há aqui mesmo esta boa casa quem vos de todos os cuidados; mas, por ora, não vos importa mais ou menos os mesmos

processos e normas de existência; mas,

depois daquele encontro, nenhum inci-

dente havia toldado as relações de am-

bos. José, não o confessa; e de Antô-

nio, provavelmente, guardaria o ódio

antigo como verdadeiro culpado e cau-

# CHIADO TERRASSE

Desde as 2 da tarde  
MATTINÉE E SOIRÉE

Última exibição da 1.ª jornada da soberba série  
**AS ÚLTIMAS AVENTURAS DE MACISTE**  
O ASSASSINATO DO CONDE DE GENZANI, 6 p.  
episódios 9.º e 10.º de O ROMANCE DE GLÓRIA  
Amanhã—ESTREIA da 2.ª jornada das Aventuras de Maciste  
As desgraças de Gavichon, 4 partes

# Jornal do Públíco

## Pelas lentes

No batalhão de telegrafistas de campanha

A pretexto duns aumentos que os soldados não compreendem, porque uns recebem mais, outros menos e alguns nada — tem o rancho sido piorado neste batalhão, aquartelado na Ajuda, tendo sido suprimido um *cassero* e o vinho na primeira refeição e ficando assim os homens reduzidos a um pão por dia. Esse único pão chega mesmo a faltar durante dois a três dias, sem explicação plausível. Na confecção do rancho, não há a mais pequena noção de higiene, sendo vulgar lhes encontrarem os soldados, diversos bichos, mais ou menos repugnantes.

No que respeita a alojamentos, acontecem coisas curiosas os soldados são obrigados a mandar lavar os lençóis (os que os tem) e não podem, eles mesmos, encarregar-se desse trabalho, porque isso lhes não é consentido, tendo, portanto, que pagar do seu bolso essa lavagem obrigatória todas as quintas.

Muitas tarimas não tem lençóis, existindo, como única cobertura, uma manta esburacada e sebosa, que nunca ninguém viu lavar. Mal alimentados, procuram os pobres *mágulas* poupar todos os cobres para comprar, nas tabernas do sítio, uma *bucha* que lhes mate a fome, mas as constantes despesas a que os obrigan, com lavagens e com graxa (o soldado deve estar constantemente a engraxar os *butes*) obrigam-nos a passar toda a espécie de privações. Assim, quando nos exercícios lhes mandam sair muros e fazer outras coisas de grande utilidade, os homens sentem-se incapazes de executar as ordens, por falta de forças. Para círculo, há neste batalhão alguns cabos e entre eles o 490 e o 439 da 3.ª, que perseguem com contumácia os soldados, esquecendo-se que são tam miseráveis como eles.

Neste mesmo quartel, encontra-se ainda um grupo de obuses de campanha, cujos soldados, por falta de alojamentos, tem como leito a palha das cavalaricas, tal qual como se fossem bestas!

Considerando que os nossos camaradas samaritanos se encontram em luta para a consecução de mais uma fata de pão para si e para suas famílias; considerando que esses camaradas tem lutado interminavelmente contra o industrial conservador-se nenhuma.

O ministro não escutou as suas razões e uma parte dos donos-padeiros fez o resto. Canudos esperam, esgotados os meios sucedâneos que empregaram no decorrer de muitas semanas, os manipuladores de pão resolveram, não proclamar a greve, mas sim não se apresentarem mais cedo do que as cinco da manhã às portas das padarias, para não atraírem mais tarde do que as vinte e uma consoante o horário que cada padaria adoptar — isto é, entrando mais cedo para sairem mais cedo ou entrando mais tarde para sairem também mais tarde. Isto deu em resultado que alguns proprietários de padarias não aceitaram o seu pessoal, como seja a empresa Panificadora, a que mais guerra faz aos desempregados da classe dos manipuladores. Pode dizer, no entanto, que a maioria das padarias já funcionam com o régimen do trabalho diurno, prontificando-se os que trabalham a darem um dia por semana para auxílio dos que se encontram em luta devido ao *lockout* dos poucos donos-padeiros que ainda não se vergaram. O governador civil quis embuchar a questão, levando à bebida os manipuladores de pão, mas estes, numa reunião magna resolveram não cair na esparruela, optando por andarem pelo seu próprio pé, apesar de lhes afirmar que andavam elementos perigosos, agitadores profissionais a comprometerem os operários. Na reunião magna de ontem, presidida por Domingos Joaquim de Azevedo, e que esteve bastante corrida, falou A. Cardoso, da U. S. O., fazendo propaganda associativa e incitando os presentes a que se conservem firmes até final. Os manipuladores declararam que pouco se preocupam com o encerramento de algumas casas, porque, não havendo stocks acumulados como as fazendas, elas ver-se-ão impeditidas a abrirem, muito em breve.

Nesta reunião magna também foi velado o procedimento do governo em mobilizar os tipógrafos militares para atacar o movimento tipográfico, sendo saudada *A Batalha* e o operariado em geral.

**ve de industriais de padaria—Os manipuladores de pão reivindicam as suas reclamações—A marcha do seu movimento**

Após um prolongamento paciente de *démarques* promessas e outros palliativos, a numerosa classe dos manipuladores de pão resolveu pôr em prática as suas reclamações: oito horas diárias de trabalho, que deve ser diurno e não nocturno como até aqui. Numa representação há semanas dirigida ao ministro do trabalho, os manipuladores de pão salientaram, ao lado da justiça que as suas pretensões tem, a questão higiénica e salutar que o trabalho diurno acarreta não só para a classe como também para o consumidor, afirmações estas que eram feitas de acordo com muitos proprietários de padarias, e creio que com a sua própria associação.

O ministro não escutou as suas razões e uma parte dos donos-padeiros fez o resto. Canudos esperam, esgotados os meios sucedâneos que empregaram

no decorrer de muitas semanas, os manipuladores de pão resolveram, não proclamar a greve, mas sim não se apresentarem mais cedo do que as cinco da manhã às portas das padarias, para não atraírem mais tarde do que as vinte e

uma consoante o horário que cada padaria adoptar — isto é, entrando mais cedo para sairem mais cedo ou entrando mais tarde para sairem também mais tarde. Isto deu em resultado que alguns proprietários de padarias não aceitaram o seu pessoal, como seja a empresa Panificadora, a que mais guerra faz aos desempregados da classe dos manipuladores. Pode dizer, no entanto, que a maioria das padarias já funcionam com o régimen do trabalho diurno, prontificando-se os que trabalham a darem um dia por semana para auxílio dos que se encontram em luta devido ao *lockout* dos poucos donos-padeiros que ainda não se vergaram. O governador civil quis embuchar a questão, levando à bebida os manipuladores de pão, mas estes, numa reunião magna resolveram não cair na esparruela, optando por andarem pelo seu próprio pé, apesar de lhes afirmar que andavam elementos perigosos, agitadores profissionais a comprometerem os operários. Na reunião magna de ontem, presidida por Domingos Joaquim de Azevedo, e que esteve bastante corrida, falou A. Cardoso, da U. S. O., fazendo propaganda associativa e incitando os presentes a que se conservem firmes até final. Os manipuladores declararam que pouco se preocupam com o encerramento de algumas casas, porque, não havendo stocks acumulados como as fazendas, elas ver-se-ão impeditidas a abrirem, muito em breve.

Nesta reunião magna também foi velado o procedimento do governo em mobilizar os tipógrafos militares para atacar o movimento tipográfico, sendo saudada *A Batalha* e o operariado em geral.

**A Associação de Classe dos Operários Sapateiros de Fancaria resolve fusinar-se com a Associação de Classe dos Operários Fabricantes de Calçado**

**Outras resoluções**

Assembleia geral, reuniu a Asso-

cia de Classe dos Operários Sapateiros de Fancaria. Resolviu: nomear o camarada Bento da Cruz para tomar parte nos congressos da indústria e operário nacional; fusiona-se, para melhor entendimento da classe em geral, e visto que se torna urgente, neste momento, a solidariedade de todos os proletários, com a Associação de Classe dos Fabricantes de Calçado — levando, porém, o assunto para o congresso da indústria, para nele ser, mais largamente tratado, contribuir com a sua cota para as despezas com a representação do congresso de Amsterdam; protestar contra as violências governamentais; saudando *A Batalha* e os tipógrafos que tão dignamente cumpriram o seu dever.

A Associação dos Fabricantes de Calçado reuniu igualmente em assembleia geral, nomeando nos congressos de indústria e operário nacional os seguintes camaradas: Manuel Francisco Lucas, Júlio de Campos e Serafim dos Anjos. Resolvem também: protestar contra a atitude das autoridades republicanas e saudar *A Batalha* e os tipógrafos que tão dignamente cumpriram o seu dever.

A Associação dos Fabricantes de Calçado registaram com satisfação o procedimento da fábrica Costa, Lda., de calçado, por ter dado ao seu pessoal as oito horas de trabalho diário, sem prever judicializar os interesses dos operários. As mesmas duas colectividades resolveram ainda distribuir pela classe umas listas de subscrição, destinando-se o auxílio aos quadros dos jornais em luta, forçados e aos operários da C. U. F.

**Os oficiais de funileiro e artes corretivas resolvem manter o horário das oito horas, vindas para a greve, se tanto for necessário—A greve do pessoal da casa Samaritana**

Em assembleia geral, reuniu a Asso-

cia de Classe dos Operários Sapateiros de Fancaria. Resolviu: nomear o camarada Bento da Cruz para tomar parte nos congressos da indústria e operário nacional; fusiona-se, para melhor entendimento da classe em geral, e visto que se torna urgente, neste momento, a solidariedade de todos os proletários, com a Associação de Classe dos Fabricantes de Calçado — levando, porém, o assunto para o congresso da indústria, para nele ser, mais largamente tratado, contribuir com a sua cota para as despezas com a representação do congresso de Amsterdam; protestar contra as violências governamentais; saudando *A Batalha* e os tipógrafos que tão dignamente cumpriram o seu dever.

A Associação dos Fabricantes de Calçado registaram com satisfação o procedimento da fábrica Costa, Lda., de calçado, por ter dado ao seu pessoal as oito horas de trabalho diário, sem prever judicializar os interesses dos operários. As mesmas duas colectividades resolveram ainda distribuir pela classe umas listas de subscrição, destinando-se o auxílio aos quadros dos jornais em luta, forçados e aos operários da C. U. F.

**Joaquim Carreira**

Mais uma vez a comissão de auxilio à família deste malogrado camarada, chama a atenção de todos os amigos e camaradas do extinto, para a situação em que se encontram a sua viúva e filhos.

Pela mesma comissão, foi-lhes entre-

gada a quantia de 350\$, produto dum quete tirado no Arsenal de Marinha.

Acaba de falecer uma filha do finado, realizando-se hoje o funeral, pelas 15 horas, para o cemiterio da Ajuda. Qualquer donativo, aqui pode ser entregue, ou a qualquer dos camaradas da comissão: José Padesca, António Macrina e Bernardo Santos.

**Os presos da greve geral**

Na noite da Construção Civil tem corresposto a Companhia Industrial, que se achava

# Jornal do Públíco

## Pelas lentes

No batalhão de telegrafistas de campanha

A pretexto duns aumentos que os soldados não compreendem, porque uns recebem mais, outros menos e alguns nada — tem o rancho sido piorado neste batalhão, aquartelado na Ajuda, tendo sido suprimido um *cassero* e o vinho na primeira refeição e ficando assim os homens reduzidos a um pão por dia. Esse único pão chega mesmo a faltar durante dois a três dias, sem explicação plausível. Na confecção do rancho, não há a mais pequena noção de higiene, sendo vulgar lhes encontrarem os soldados, diversos bichos, mais ou menos repugnantes.

No que respeita a alojamentos, acontecem coisas curiosas os soldados são obrigados a mandar lavar os lençóis (os que os tem) e não podem, eles mesmos, encarregar-se desse trabalho, porque isso lhes não é consentido, tendo, portanto, que pagar do seu bolso essa lavagem obrigatória todas as quintas.

Muitas tarimas não tem lençóis, existindo, como única cobertura, uma manta esburacada e sebosa, que nunca ninguém viu lavar. Mal alimentados, procuram os pobres *mágulas* poupar todos os cobres para comprar, nas tabernas do sítio, uma *bucha* que lhes mate a fome, mas as constantes despesas a que os obrigan, com lavagens e com graxa (o soldado deve estar constantemente a engraxar os *butes*) obrigam-nos a passar toda a espécie de privações. Assim, quando nos exercícios lhes mandam sair muros e fazer outras coisas de grande utilidade, os homens sentem-se incapazes de executar as ordens, por falta de forças. Para círculo, há neste batalhão alguns cabos e entre eles o 490 e o 439 da 3.ª, que perseguem com contumácia os soldados, esquecendo-se que são tam miseráveis como eles.

Neste mesmo quartel, encontra-se ainda um grupo de obuses de campanha, cujos soldados, por falta de alojamentos, tem como leito a palha das cavalaricas, tal qual como se fossem bestas!

Considerando que os nossos camaradas samaritanos se encontram em luta para a consecução de mais uma fata de pão para si e para suas famílias; considerando que esses camaradas tem lutado interminavelmente contra o industrial conservador-se nenhuma.

O ministro não escutou as suas razões e uma parte dos donos-padeiros fez o resto. Canudos esperam, esgotados os meios sucedâneos que empregaram

no decorrer de muitas semanas, os manipuladores de pão resolveram, não proclamar a greve, mas sim não se apresentarem mais cedo do que as cinco da manhã às portas das padarias, para não atraírem mais tarde do que as vinte e

uma consoante o horário que cada padaria adoptar — isto é, entrando mais cedo para sairem mais cedo ou entrando mais tarde para sairem também mais tarde. Isto deu em resultado que alguns proprietários de padarias não aceitaram o seu pessoal, como seja a empresa Panificadora, a que mais guerra faz aos desempregados da classe dos manipuladores. Pode dizer, no entanto, que a maioria das padarias já funcionam com o régimen do trabalho diurno, prontificando-se os que trabalham a darem um dia por semana para auxílio dos que se encontram em luta devido ao *lockout* dos poucos donos-padeiros que ainda não se vergaram. O governador civil quis embuchar a questão, levando à bebida os manipuladores de pão, mas estes, numa reunião magna resolveram não cair na esparruela, optando por andarem pelo seu próprio pé, apesar de lhes afirmar que andavam elementos perigosos, agitadores profissionais a comprometerem os operários. Na reunião magna de ontem, presidida por Domingos Joaquim de Azevedo, e que esteve bastante corrida, falou A. Cardoso, da U. S. O., fazendo propaganda associativa e incitando os presentes a que se conservem firmes até final. Os manipuladores declararam que pouco se preocupam com o encerramento de algumas casas, porque, não havendo stocks acumulados como as fazendas, elas ver-se-ão impeditidas a abrirem, muito em breve.

Nesta reunião magna também foi velado o procedimento do governo em mobilizar os tipógrafos militares para atacar o movimento tipográfico, sendo saudada *A Batalha* e o operariado em geral.

**A Associação de Classe dos Operários Sapateiros de Fancaria resolve fusinar-se com a Associação de Classe dos Operários Fabricantes de Calçado**

**Outras resoluções**

Assembleia geral, reuniu a Asso-

cia de Classe dos Operários Sapateiros de Fancaria. Resolviu: nomear o camarada Bento da Cruz para tomar parte nos congressos da indústria e operário nacional; fusiona-se, para melhor entendimento da classe em geral, e visto que se torna urgente, neste momento, a solidariedade de todos os proletários, com a Associação de Classe dos Fabricantes de Calçado — levando, porém, o assunto para o congresso da indústria, para nele ser, mais largamente tratado, contribuir com a sua cota para as despezas com a representação do congresso de Amsterdam; protestar contra as violências governamentais; saudando *A Batalha* e os tipógrafos que tão dignamente cumpriram o seu dever.

A Associação dos Fabricantes de Calçado registaram com satisfação o procedimento da fábrica Costa, Lda., de calçado, por ter dado ao seu pessoal as oito horas de trabalho diário, sem prever judicializar os interesses dos operários. As mesmas duas colectividades resolveram ainda distribuir pela classe umas listas de subscrição, destinando-se o auxílio aos quadros dos jornais em luta, forçados e aos operários da C. U. F.

**Joaquim Carreira**

Mais uma vez a comissão de auxilio à família deste malogrado camarada, chama a atenção de todos os amigos e camaradas do extinto, para a situação em que se encontram a sua viúva e filhos.

Pela mesma comissão, foi-lhes entre-

gada a quantia de 350\$, produto dum quete tirado no Arsenal de Marinha.

Acaba de falecer uma filha do finado, realizando-se hoje o funeral, pelas 15 horas, para o cemiterio da Ajuda. Qualquer donativo, aqui pode ser entregue, ou a qualquer dos camaradas da comissão: José Padesca, António Macrina e Bernardo Santos.

**Os presos da greve geral**

Na noite da Construção Civil tem corresposto a Companhia Industrial, que se achava

# SOVIETISMO

Socorro.—A Junta desta freguesia convoca os indigentes que requerem para o procedimento dos policiiais e estrangeiros.

Conselho Maximalista de Belém.—Reunião hoje, pelas 15 horas, os componentes da Junta, para a reunião de estrangeiros.

Conselho Maximalista de Campo de Ourique (G. A.)—Reunião hoje, pelas 18 horas, para a reunião de estrangeiros.

Conselho Maximalista de Belém.—Reunião hoje, pelas 15 horas, os componentes da Junta, para a reunião de estrangeiros.

Conselho Maximalista de Belém.—Reunião hoje, pelas 15 horas, os componentes da Junta, para a reunião de estrangeiros.

Conselho Maximalista de Belém.—Reunião hoje, pelas 15 horas, os componentes da Junta, para a reunião de estrangeiros.

Conselho Maximalista de Belém.—Reunião hoje, pelas 15 horas, os componentes da Junta, para a reunião de estrangeiros.

Conselho Maximalista de Belém.—Reunião hoje, pelas 15 horas, os componentes da Junta, para a reunião de estrangeiros.

Conselho Maximalista de Belém.—Reunião hoje, pelas 15 horas, os componentes da Junta, para a reunião de estrangeiros.

Conselho Maximalista de Belém.—Reunião hoje, pelas 15 horas, os componentes da Junta, para a reunião de estrangeiros.

Conselho Maximalista de Belém.—Reunião hoje, pelas 15 horas, os componentes da Junta, para a reunião de estrangeiros.

Conselho Maximalista de Belém.—